

25 Dicas para Publicação de Artigos em Revistas Científicas Internacionais

Orlando Gomes

Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Lisboa (ISCAL/IPL)
& Business Research Unit (BRU/ISCTE-IUL)
omgomes@iscal.ipl.pt

Resumo

A publicação de estudos de natureza científica rege-se por padrões de excelência e pressupõe a capacidade de oferecer uma contribuição original que venha a acrescentar algo à literatura existente num determinado ramo do saber. Para além do valor intrínseco do estudo, a submissão de um trabalho de investigação deverá envolver alguns cuidados de apresentação e de forma que poderão condicionar o modo como editores e avaliadores o percebem. Com base na experiência acumulada a este nível, oferece-se um conjunto de 25 dicas que se espera possam vir a ser úteis para actuais e futuros investigadores.

palavras-chave: publicação científica, estrutura de um artigo, regras de submissão, edição e revisão.

Title: 25 tips for publishing paper in international scientific journals

Abstract

To publish studies of a scientific nature one has to obey to standards of excellence and reveal the capacity to offer an original contribution that might add something to the existing literature in a particular field of knowledge. Beyond the intrinsic value of the study, the submission of a research work must take into consideration some issues of presentation and form that may influence the way editors and referees look at it. Based on the accumulated experience at this level, we offer a list of 25 hints that we hope may be helpful to current and future researchers.

keywords: scientific publication, paper's structure, submission guidelines, editing and refereeing.

No final da década de 90, altura em que desenvolvia a minha dissertação de doutoramento em Economia, em que dava os primeiros passos enquanto docente no ensino superior e em que a *Internet* começava a ganhar expressão no nosso país, encontrei, numa das minhas primeiras pesquisas *on-line*, um texto que foi fundamental para o desenvolvimento da carreira de investigação que aí começou. O texto, da autoria de Kwan Choi, editor da *Review of International Economics*, intitulado ‘How to Publish in Top Journals’, fornecia um conjunto de linhas de orientação destinadas a ajudar os académicos no sentido de verem o seu trabalho de investigação publicado [Choi (2002)].

Obviamente, o trabalho de investigação vale por si, pela qualidade e rigor das ideias originais que transmite e por aquilo que consegue adicionar ao conhecimento acumulado em determinada área do saber; todavia, existem formas de potenciar a probabilidade de ver um estudo publicado num meio que é extremamente competitivo e em que por vezes a aceitação para publicação poderá envolver factores que vão para além do mérito intrínseco da contribuição. É com base nesse trabalho de referência e na experiência acumulada de mais de uma década que me proponho deixar algumas dicas que podem eventualmente auxiliar aqueles que hoje iniciam a sua carreira de investigação a ter uma visão prática e orientada por objectivos em relação a esta componente fundamental do seu trabalho académico.

O texto é composto por 25 sugestões, as quais não são mais do que precisamente isso – sugestões ou conselhos. Como qualquer conselho que se dá, os que seguem não garantem quaisquer resultados (o próprio termo *dá* assim o indicia – se estes tivessem valor de mercado, não seriam certamente simplesmente dados!); eles devem ser adaptados às características próprias do estudo em causa e à personalidade de quem desenvolve o trabalho, na esperança de que possam de alguma forma ser úteis.

1 – Não há milagres, só mesmo trabalho duro

Uma das maiores bases de dados bibliográficas do mundo na área da Economia, o Ideas-RePEc (<http://ideas.repec.org/>) tinha, em Outubro de 2012, 33.846 autores registados, estando estes afiliados a 12.823 instituições, em 230 países. As referidas instituições (Universidades, Institutos Politécnicos, agências governamentais, centros de investigação) são muito diversas em termos de qualidade, dimensão, recursos físicos e financeiros, ambiente de trabalho, relevância dada ao trabalho de investigação, etc.

Porém, pelo menos em teoria, o trabalho de todos aqueles académicos dever-se-á reger pelos mesmos padrões: a publicação de trabalho científico em revistas internacionais de qualidade devidamente reconhecida. A questão da qualidade das revistas científicas não é um assunto completamente pacífico e a ele voltaremos numa dica posterior; de qualquer modo, existe um conjunto significativo de critérios que permite tal avaliação e, em consequência, permite também distinguir a qualidade do trabalho científico de diferentes autores com base nas publicações em que os respectivos artigos aparecem publicados.

O ponto fundamental é que o mundo da publicação de estudos científicos é um meio extremamente concorrencial que não se compadece com fronteiras nacionais; estamos a falar de um mercado global onde só os mais bem preparados sobrevivem. A preparação provém de uma boa orientação por parte daqueles que já conhecem o meio e já nele conseguiram algum sucesso e também de muito trabalho e dedicação. O primeiro conselho será então o de esclarecer que não há nenhum conselho que ajude a preparar um estudo para publicação se este não estiver em primeiro lugar alicerçado no conhecimento dos assuntos e das técnicas relevantes, e este conhecimento só se atinge efectivamente através de trabalho árduo.

2- A ciência fala inglês

No mundo da ciência fala-se uma única língua: inglês. Grande parte ou a quase totalidade das revistas com peso internacional publica exclusivamente em inglês. Assim sendo, dominar esta língua é um primeiro passo fundamental para se ser bem-sucedido no universo da ciência. A supremacia da língua inglesa é um facto, e contra essa supremacia não vale a pena lutar; se queremos que os outros nos entendam e aceitem as nossas ideias temos que falar na linguagem comum convencionalmente utilizada.

Inicialmente, poderá ser compensador procurar ajuda no sentido de tornar aquilo que se escreve mais fluente, mas, à medida que o trabalho se desenvolve nesta língua, a prática permitirá uma liberdade em relação a essa ajuda que tornará muito mais flexível o desenvolvimento de um trabalho autónomo. Este processo acontece naturalmente, à medida que interiorizamos os conceitos, expressões e modo de escrita que utilizados.

As revistas procuram publicar aquilo que constitui um avanço importante para a ciência, e, obviamente, subentende-se que tal avanço é explicado da forma mais clara possível. Erros ortográficos e/ou gramaticais são imperdoáveis e significam na generalidade dos casos a rejeição imediata do artigo submetido.

3- Como em tudo, há regras e convenções

Com pequenas diferenças de área para área, aquilo que é a estrutura de um artigo científico é algo que está convencionado e ao qual não se pode fugir muito. A generalidade das revistas científicas fornece o essencial dessa informação nas informações aos autores. A primeira página, regra geral, deverá conter o título, nome e instituição de acolhimento dos autores, uma nota de rodapé com os contactos do *corresponding author*, outra nota de rodapé com os agradecimentos e um resumo/*abstract* (regra geral, não mais de 200 palavras), que deverá ser acompanhado por um conjunto de palavras-chave e, no caso de artigos na área económica, dois ou três códigos do sistema de classificação JEL (*Journal of Economic Literature*).

Outros aspectos invariavelmente referidos em tais regras de submissão são: as notas de rodapé devem cingir-se ao estritamente necessário, as equações colocadas em destaque em relação ao texto devem ser numeradas consecutivamente (com a numeração encostada à margem direita), o corpo do texto deve ser dividido em secções, iniciando-se com uma secção de introdução e encerrando com uma secção de conclusões. A

apresentação das referências deverá obedecer às regras internacionalmente reconhecidas, sendo que, com uma ou outra *nuance*, a maioria das publicações solicita que estas sejam apresentadas sensivelmente do mesmo modo. Regras para a apresentação de tabelas, figuras e anexos são também comumente fornecidas.

A alguns dos aspectos acima mencionados, iremos voltar em pontos posteriores. O objectivo será fornecer algumas pistas que poderão ser relevantes, mas que vão para além daquilo que são as normas convencionais para o desenvolvimento de trabalhos científicos. Essas normas podem ser encontradas em múltiplas publicações como, por exemplo, Bell (1997), Baranano (2004) e Ferro e António (2011).

4- Dominar técnicas

Conseguir desenvolver uma contribuição válida numa determinada área de conhecimento exige uma familiaridade com o que está feito nessa área do saber e perceber, a partir daí, como se pode acrescentar algo. Isto exige ser selectivo no que respeita aos artigos que se escolhem para estudar no sentido de ganhar uma percepção aprofundada daquilo que é o estado da arte. No entanto, um artigo científico não é um texto pedagógico; ele faz uso de técnicas sofisticadas, mas não é sua função explicar essas técnicas. O artigo que se consulta ou estuda permite perceber como perspectivar o tema e entrar em contacto com as técnicas mais comuns para a respectiva análise, porém não será de esperar encontrar aí pormenores sobre essas mesmas ferramentas.

O lugar certo para entender as ferramentas fundamentais de análise é o conjunto de manuais que, regra geral, proliferam nas diversas áreas do saber – se o meu estudo envolve essencialmente o uso de distribuições estatísticas, álgebra linear, modelos dinâmicos, entre outros, existem muitos manuais que fornecem o conhecimento de base que poderá permitir perceber com clareza o desenvolvimento dos argumentos e os resultados apresentados nos artigos científicos.

Aquilo que os manuais nos oferecem é frequentemente um conhecimento já consolidado, algo que já foi alvo de discussão na comunidade académica. Aqueles são, na generalidade dos casos, uma segunda linha da fronteira científica, que tem a vantagem de já ter sido filtrada várias vezes e já ser genericamente aceite para utilização no sentido do avanço da ciência. As publicações em revistas científicas constituem a primeira linha, onde o debate original se faz e do qual se espera uma contribuição assente no que já existe (e que, portanto, não constituirá o local próprio para explicar em pormenor aquilo em que assenta).

5- Conhecer o terreno

Uma larga maioria das publicações de carácter científico corresponde a publicações especializadas – concentram-se em aspectos particulares de uma determinada ciência. Por exemplo, em Economia, para além de algumas revistas de primeira linha que são suficientemente abrangentes em termos de temáticas abarcadas, a larga maioria é bastante restrita – existem revistas dedicadas ao crescimento económico, à política monetária, às finanças públicas, ao mercado de trabalho, à inovação, à organização e

estruturação de mercados, a aplicações da teoria dos jogos, entre muitas outras temáticas. As revistas não são só diferentes em termos de assuntos, mas também no que respeita ao modo de abordagem dos assuntos (existem publicações que só publicam estudos empíricos, outras que se concentram no desenvolvimento da teoria, outras ainda são orientadas para aspectos particulares da teoria ou da observação empírica).

Assim sendo, conhecer o terreno é fundamental: submeter um artigo teórico para uma revista que se especializa na análise de casos práticos, ou um artigo centrado no comportamento microeconómico para uma revista sobre a actividade dos bancos centrais, ou ainda um artigo meramente descritivo para um *journal* que faz da formalização matemática a sua imagem de marca, significará não apenas a rejeição imediata como ficará, por certo, a sensação nos editores de que quem submete o artigo não encara esta actividade de uma forma séria.

Podemos e devemos fazer ainda uma análise mais fina. Cada revista tem mesmo um cunho próprio e não é despropositado preparar um artigo orientando-o de início para publicação numa revista em concreto, escolhendo um dos temas predilectos dos respectivos editores, citando abundantemente artigos já publicados nessa revista e utilizando o estilo próprio de escrita e as técnicas a que essa publicação normalmente dá mais destaque. Por exemplo, se quiser publicar um artigo sobre aplicações das teorias do caos e da complexidade à ciência económica, talvez me interesse saber que o *Journal of Economic Behavior and Organization* é uma revista com ampla tradição neste nicho específico.

6- O que tenho eu para oferecer de novo?

As nossas ideias e a nossa inspiração não surgem do nada. Quem inventou a roda terá com certeza observado anteriores meios de locomoção e terá percebido que a melhor forma de um objecto se deslocar em determinado terreno é efectivamente tendo uma forma perfeitamente circular – este é, sem dúvida, um exemplo de uma contribuição original e relevante! Estas duas noções, originalidade e relevância, são essenciais: uma revista científica só publicará artigos que reúnam estes dois requisitos. Claramente, um pode existir sem o outro; uma contribuição pode ser original, diferente de tudo o que foi antes feito, mas não acrescentar absolutamente nada de importante ao conhecimento existente (quem quereria saber da invenção de uma roda quadrada?); por outro lado, nem tudo aquilo que é interessante e importante é novo – pôr uma roupa nova naquilo que é velho pode dar-lhe uma melhor aparência, mas a operação de cosmética pode não ser contribuição suficiente.

Como arranjar boas ideias? Mais uma vez, enfatiza-se a noção essencial já transmitida de que sem trabalho nada se consegue. Será através de uma criteriosa e aprofundada pesquisa que se poderá desenhar um novo conceito, uma nova abordagem, uma nova técnica, um novo mecanismo de causalidade. A partir do momento em que começamos a entrar no universo que pretendemos abordar e percebemos o que já está feito não é difícil colocarmos as questões que nos vão levar à concepção de novas ideias: Este autor foi por este caminho para chegar a este resultado; e se eu tomasse um outro caminho? Os autores *A* e *B* adoptam técnicas diferentes e chegam a resultados distintos a propósito de uma determinada realidade; será que através de alguma técnica de síntese

eu consigo compatibilizar os dois pontos de vista? Nas conclusões, o artigo que li faz referência a possíveis vias para desenvolver em maior profundidade aquele estudo; e se eu partisse desse ponto? Os autores *A* e *B* apresentam estudos que se complementam, mas quer um quer outro falham na apresentação de uma ideia de conjunto; será que consigo combinar estas contribuições para oferecer uma visão integrada?

Ser criativo não é, ao contrário do que se possa pensar, acima de tudo, um ato de inspiração ou algo que radique essencialmente no talento individual. Por muito talentoso que se seja, as ideias não caem do céu – elas terão de estar solidamente alicerçadas na percepção clara sobre o meio em que nos movemos. E daqui sai uma outra dica importante: que não haja pressa em começar a publicar; recolher material suficiente para ter uma ideia original e publicar um artigo talvez seja um processo não muito moroso; porém, coligir um conhecimento suficientemente abrangente numa determinada área ao ponto de a dominar, embora seja demorado, pode ser algo de bastante profícuo a longo prazo – se eu domino um assunto, as técnicas que lhe estão subjacentes e conheço as principais referências, esse conhecimento acumulado pode servir para perpetuar uma carreira de investigação por muito tempo.

7- Escrever de modo claro, é claro

A escrita científica contém algumas especificidades: espera-se um discurso objetivo, sem floreios, simples nas palavras por mais sofisticadas que sejam as ideias. As frases demasiado elaboradas são de evitar, até porque, como referido na dica 2, a língua oficial da ciência é o inglês e a percentagem de nativos nesta língua no mundo inteiro é relativamente exígua; a simplicidade da linguagem é uma necessidade dos cientistas que pretendem disseminar conhecimento, fazer-se entender e entender os outros.

As regras para uma boa escrita, clara e facilmente entendível, estão presentes em muito daquilo que fazemos fora da ciência e são, independentemente da língua de origem, facilmente transpostas para o mundo da ciência. Alguns dos conselhos mais óbvios incluem o não escrever frases demasiado compridas (o que faz aumentar a possibilidade de se cometerem erros gramaticais), não apresentar parágrafos demasiado longos (já experimentou ler uma página sem qualquer mudança de parágrafo?), não colocar notas de rodapé no meio das frases (quando volta acima, já não sabe onde está), não se repetir demasiado, colocando exactamente os mesmos argumentos no *abstract*, na introdução, na conclusão (por muito que queira enfatizar uma ideia, se ela estiver clara o leitor percebê-la-á à primeira e não entenderá porque se insiste em dizer o mesmo repetidamente).

Escrever claro significa também uma boa capacidade de apresentação de texto matemático; ao demonstrar um teorema, ao desenvolver um modelo, ao calcular um resultado, deve evitar-se ser ambíguo. Tal consegue-se definindo com rigor, desde o início, as variáveis e parâmetros envolvidos na análise, fazendo breves referências pedagógicas às noções, operações e procedimentos que à partida não são de conhecimento geral e apresentando as equações ou outras expressões com uma sequência que seja completamente perceptível e acompanhada de termos como ‘... e daqui resulta ...’, ‘... e assim obtemos...’, ‘...prosseguindo com os cálculos...’.

8- Que processador de texto usar?

Uma breve incursão pelas regras de submissão das revistas internacionais permite-nos constatar que não existe um processador de texto universal. A generalidade das revistas é relativamente flexível e permite a submissão em *Microsoft Word* (ou *software* compatível), em ficheiro *LaTeX*, ou outros. Há mesmo revistas que permitem a submissão em ficheiro PDF e com este trabalham directamente.

A tendência é, cada vez mais, para a utilização do *LaTeX*, e por isso é importante começar a utilizar os processadores de texto que usam essa linguagem. Ela tem a vantagem de trabalhar sem quaisquer problemas com fórmulas matemáticas, podendo recorrer-se a uma infinidade de símbolos.

Um outro cuidado deve ser tido ao nível dos programas utilizados para a concepção de gráficos. No sentido de conseguir a melhor qualidade de imagem possível (porque muitas vezes as figuras têm de ser redimensionadas para publicação), as revistas restringem o tipo de ficheiros que pode ser submetido. Também aqui, um breve *tour* pelas regras de submissão apresentadas nas páginas da internet de alguns dos principais *journals* é um exercício útil.

9- O 8 e o 80, qual o tamanho ideal para os meus artigos?

Aquilo que está convencionado para a generalidade das revistas científicas é que a apresentação de um resultado importante, a formulação de uma teoria ou o desenvolvimento de um estudo empírico deverão ser apresentados em não mais de 30 páginas (aqui devemos ter também presente a indicação dada pelas próprias regras de submissão das revistas, que também podem colocar diferentes restrições ao nível do tamanho de letra, espaçamento de linhas, apresentação de equações, etc.). Estudos mais exaustivos muitas vezes envolvem a derivação de resultados complexos, derivação essa que pode ser bastante consumidora de espaço; nesse caso, muitas revistas solicitam o envio desse desenvolvimento técnico num apêndice que não será publicado, mas que servirá para os *referees* se certificarem da correcção e do rigor dos resultados atingidos. Quando escrevemos um artigo é importante que nos coloquemos no lugar do *referee*. Ele vai ler o trabalho e procurar nele uma contribuição nova para a literatura; sendo especialista na área, não vai precisar que lhe expliquemos todos os pormenores da análise mas, efectivamente, apenas aquilo que à partida se pretende mostrar de novo. Regra geral, um *referee* ao fim de sensivelmente 5 páginas tem a sua decisão tomada (da mesma forma que quando o professor começa a ler o teste do aluno sabe ao fim de poucas respostas se este tem ou não condições para ser aprovado); no resto do artigo vai apenas procurar algo que justifique a sua decisão. Se a introdução é cativante e os autores revelam dominar as técnicas, poderá não ser preciso muito para convencer o *referee*; caso o *abstract* e a introdução não apontem para nada de interessante ou se à partida se detectam erros grosseiros de vária ordem, a decisão também fica logo tomada. Pode escrever-se um excelente artigo com 15 a 20 páginas; se for realmente uma boa ideia, torna-se contraproducente procurar acrescentar pequenas variações ao que já está dito.

Para reforçar a ideia anterior, há ainda um outro aspecto a ter em consideração, que se consubstancia também num princípio básico da ciência económica: ‘não ponhas os ovos todos no mesmo cesto’, ou seja, não faz sentido entrar com todo o arsenal numa única batalha: se tenho várias boas ideias sobre um tema, não faz sentido que as utilize num único estudo, caso contrário sobre o que é que vou escrever a seguir?

Uma última nota: um dos mais influentes artigos de sempre da história da ciência, que introduziu o conceito que ficaria conhecido como Equilíbrio de Nash, e que contribuiu em muito para o Nobel da Economia ganho por John Nash em 1994, intitulava-se ‘Equilibrium Points in N-Person Games’ foi publicado nos *Proceedings of the National Academy of Sciences*, e tinha apenas duas páginas [Nash (1950)]. Este artigo foi citado mais de 2500 vezes em publicações científicas internacionais até aos dias de hoje.

10- Como ‘embrulhar’ boas ideias: o título, o *abstract*, a introdução e as conclusões

O corpo do artigo é a sua razão de ser; aí vamos encontrar uma sequência de raciocínios que consubstancia a contribuição do *paper*. No entanto, uma contribuição forte pode ser ferida de morte quando mal embrulhada, ou seja, quando o *abstract* e a introdução são vagos, não apontam para o essencial do estudo e não o conseguem motivar convenientemente e quando a secção das conclusões é incapaz, em poucas palavras, de dar a conhecer o poder dos resultados obtidos.

O título do artigo deve transmitir aquilo que ele é no menor número de palavras possível. Por exemplo, um artigo que explore a existência de movimento caótico num modelo de crescimento económico, poderá intitular-se ‘Um modelo de crescimento e caos’. É um título curto mas que traduz o objecto de estudo: percebe-se que se trata do desenvolvimento de um modelo teórico de crescimento que à partida envolverá um processo dinâmico conducente à eventual geração de movimento caótico de longo prazo. O *abstract* é um resumo curto do conteúdo do artigo: espera-se que seja conciso e revelador do objecto de estudo; é através da leitura do *abstract* que o potencial interessado vai decidir se vale ou não a pena ler e estudar o artigo.

A introdução e as conclusões são, tipicamente, as últimas partes do artigo a escrever. A introdução deve ser apelativa; recorde-se que está a escrever para os outros e não para si e que o artigo é como um bolo – sabemos se gostamos dele ou não logo à primeira dentada! A introdução deverá ser curta (duas a três páginas), fazer referência ao trabalho de terceiros na área (mas não demasiada, porque caso contrário está a dar-se um sinal que o artigo em si é uma contribuição menor), e não apresentar nela as conclusões do estudo (há uma secção própria para estas). Por seu lado, as conclusões devem também ser sucintas, resumir cuidadosamente os resultados alcançados, fazer referência a possíveis extensões para investigação futura e, se se justificar, mencionar também eventuais limitações da análise (mas sem exagerar; não temos que ser os nossos próprios mais duros críticos!).

11- O esqueleto

O desenvolvimento de uma ideia passa por várias fases e o produto final, o artigo, é o resultado de um processo de amadurecimento que pode levar muito tempo e estar sujeito a vários imprevistos. Quando uma ideia surge, fruto da reflexão sobre um determinado assunto, esta é de início necessariamente ambígua e aquilo que podemos fazer encontra-se certamente no campo da especulação: e se eu seguisse o caminho *B* em alternativa ao caminho *A* escolhido pela generalidade dos autores? E se eu acrescentasse determinado conjunto de mecanismos à explicação de um dado processo? E se eu conseguisse provar que aquilo que é afirmado na literatura não será exactamente assim?

Muitas vezes, quando começamos a trabalhar uma ideia, acabamos por seguir um caminho inesperado e o resultado final pode desviar-se significativamente do nosso propósito inicial. Isto não é necessariamente mau – grande parte das descobertas da humanidade, científicas ou outras, resultaram da procura de algo que não era necessariamente aquilo que se encontrou (por exemplo, quando na década de 70 do século XX os laboratórios da 3M inventaram o *post it*, o que se pretendia efectivamente desenvolver era uma cola super forte).

Seja como for, não é à partida desejo do investigador divergir demasiado daquilo que é a sua intenção original e não deve perder o controlo sobre o rumo que a sua pesquisa toma. Nesse sentido, é importante construir no início uma estrutura ou um esqueleto para o trabalho, que servirá como guião e que ajudará a alicerçar o estudo – escrever um artigo é como esculpir um objecto de arte; para chegar ao resultado final não podemos começar por nos preocupar com os pormenores. Numa primeira fase, é necessário desenvolver um esboço, ainda que algo tosco, e a partir daí aperfeiçoar a obra até chegar ao objecto final.

12- Uma regra de bom senso: ser cordial, educado e honesto

Há coisas que simplesmente não deveria ser necessário dizer, porque, como é óbvio, o mundo da ciência não é, em muitos casos, diferente de qualquer outro meio que envolve relações sociais. A relação entre autores, editores e *referees* deve reger-se pelas mais elementares regras de cordialidade e educação. Mesmo que detestemos alguém, porque nos penalizou injustamente na nossa carreira, porque menosprezou as nossas capacidades ou simplesmente porque aquela cara não nos inspira confiança (o que acontece tantas vezes!), a verdade é que todos precisamos uns dos outros e as nossas funções vão-se tornando transversais – a partir do momento em que nos tornamos autores, surgem inevitavelmente convites para avaliar artigos naquela área e muito possivelmente acabamos por nos tornarmos editores de uma qualquer publicação mais ou menos conceituada.

O princípio do ‘não faças aos outros aquilo que não queres que te façam a ti’ aplica-se aqui a 100%. Se queremos que os *referees* olhem com atenção, cuidado e respeito para o nosso trabalho, é importante que nessa função actuemos precisamente dessa forma; do mesmo modo, enquanto autores também temos de ser honestos e transparentes: citar tudo aquilo que não seja contributo original, não esconder dos editores ou dos *referees*

passos menos claros em demonstrações ou sequências de ideias que levam a um determinado resultado, não deixar no artigo algo com o qual não estamos confortáveis mas que estamos seguros que o *referee* não vai dar atenção.

Manter a compostura é importante, acima de tudo, porque o nosso trabalho não acaba na primeira submissão. Se não nos agradam os comentários do *referee* e achamos que a decisão do editor é demasiado penalizadora em relação à qualidade do nosso trabalho (e isto em alguns casos é verdade), nada ganhamos em começar a insultar tudo e todos – aquele que é editor de uma revista é *referee* noutra, um *referee* pode vir a ser nosso co-autor e, mais importante, quando se trabalha num nicho relativamente específico, toda a gente nessa área se conhece, e ganhar fama de indivíduo problemático é geralmente má política; novamente, se é verdade que o que deve contar, acima de tudo, é o grau de excelência do trabalho, também não deixa de ser verdade que somos humanos e, por conseguinte, quando somos injustamente tratados pelos outros, a nossa reacção, ainda que involuntária, é agir da mesma forma.

13- Uma relação a três

Os protagonistas da nossa história são essencialmente três: os autores, os editores e os *referees* ou revisores. Esta é uma relação feita de cooperação e ajuda mútua mas também de tensão e conflito. Qualquer investigador com uma carreira sólida acaba, mais cedo ou mais tarde, por ocupar estes três papéis em ocasiões diversas e, por conseguinte, há que ter a sensibilidade para perceber quão difícil é cada uma das outras funções quando se protagoniza uma delas.

O editor funciona frequentemente como um mediador entre autor e revisor. Interessa-lhe chamar à revista artigos de qualidade (a sua reputação e a da revista dependem disso) e convém-lhe que a equipa de *referees* com que trabalha seja capaz de excluir à partida aquelas contribuições que, por razões diversas, não servem os interesses do *journal*. Portanto, também ao editor cabe um papel de sedução e também ele nada tem a ganhar em hostilizar potenciais autores. Deve ter-se presente que uma submissão de pouca qualidade não é necessariamente uma tradução fiel da capacidade do autor ou autores; por diferentes razões, uma dada contribuição pode ser manifestamente pobre (porque o autor está no início da sua carreira e tem pouca prática, porque os diversos autores não se entenderam no rumo a dar ao artigo, etc.), mas os mesmos autores podem eventualmente vir a submeter mais tarde um artigo de extrema relevância.

Quer editores quer *referees* deverão perceber que nenhum trabalho é tão mau que mereça palavras de menos respeito ou comentários que possam de algum modo ser considerados humilhantes e, já agora, também não há nenhuma contribuição tão boa que mereça apenas elogios e que se coloquem os autores num pedestal; neste último caso, é possível e até frequente que a submissão seguinte destes mesmos autores para a revista se pautar por muito menores critérios de rigor e de qualidade (se me dizem que eu sou assim tão bom, então não precisarei de me esforçar tanto para obter idênticos resultados ...).

14- Os co-autores

Ninguém pode ter a pretensão de saber tudo. O mundo académico é composto por especialistas, e um especialista é aquele que por saber tanto de um assunto pouco ou nada sabe de todos os outros (o tempo e a capacidade cognitiva são recursos escassos). Assim, quando os campos férteis a explorar numa determinada área do saber se encontram na fronteira entre dois ou mais tópicos de análise, a colaboração pode trazer enormes vantagens e produzir o fruto desejado. Se olharmos para os artigos que são hoje publicados nas principais revistas internacionais, constatamos que quase nenhum é resultado do trabalho isolado de um único cientista; o trabalho científico é hoje de tal forma exigente que a colaboração é quase um requisito obrigatório para atingir resultados de excelência.

Como em tudo, nem sempre as relações são profícuas e as sinergias não ocorrerão em todas as circunstâncias. O conhecimento de duas pessoas pode complementar-se, mas os seus métodos de trabalho ou as suas personalidades podem não ser compatíveis; por outra via, podemos ter dois especialistas na mesma área e a sobreposição dos seus conhecimentos nada acrescentar de novo. Escolher um parceiro para publicar pode não ser tarefa fácil, mas uma vez atingidos resultados conjuntos, há parcerias que se podem eternizar, com benefício mútuo. Escusado será dizer que as dificuldades se vão avolumar quando o estudo é desenvolvido por mais de dois investigadores (para além disso, os editores tendem a olhar para artigos com mais de três autores com alguma desconfiança).

A questão da cordialidade e da honestidade volta a colocar-se quando falamos de trabalho em co-autoria. Será de esperar que os autores definam à partida as tarefas de cada um e que, no caso de contribuições substancialmente distintas para um mesmo trabalho, que tal se reflecta na ordem dos autores que é incluída no *paper* na altura da submissão. Procure corresponder àquilo que o seu parceiro espera de si e procure ser paciente quando o seu parceiro não está a corresponder ao que foi previamente delineado.

15- A arte da sedução

Uma vez mais, é importante sublinhar que estamos a escrever para outrem e não para nós próprios. Para chegar a terceiros temos que criar uma empatia com o leitor (e acima de tudo com os primeiros leitores, os *referees*). Fundamentalmente, é imperioso tornar a nossa argumentação apelativa, estimulante e interessante. O tom sério e a solenidade que o trabalho de investigação exige não são de modo algum incompatíveis com a introdução de alguns elementos mais leves (anedotas, provocações, exemplos práticos que fogem ao convencional), que chamem a atenção e despertem o interesse.

Muitos artigos, apesar da contribuição importante que oferecem, têm títulos cujo objectivo é essencialmente estimular a curiosidade e a imaginação do leitor, de modo a que este sinta o desejo de iniciar a leitura. Por exemplo, um dos mais influentes artigos publicados no campo da interacção estratégica de mercado e das barreiras à entrada, de Fudenberg e Tirole (1984), tem o sugestivo título ‘The Fat-Cat Effect, the Puppy-Dog Ploy, and the Lean and Hungry Look’.

Seduzir o leitor não consiste apenas em pô-lo na disposição certa para ler o artigo. É necessário que se demonstre, ao longo da análise, que se está a oferecer uma solução para um problema prático relevante. A dissociação em relação à realidade é um erro em que facilmente se incorre quando corremos atrás de algo que do ponto de vista técnico parece muito interessante mas que na realidade não aborda nada que tenha interesse prático – o mundo está cheio de pensadores que encontram excelentes soluções para problemas que simplesmente não existem.

16- A dinâmica de submissão: seja cauteloso mas não demasiado cauteloso

A publicação é uma forma de exposição pública. Quando publicamos um artigo, da mesma forma que quando um músico lança um CD, passamos em parte a ser aquilo que fazemos. Alguém que publique um bom artigo pode ganhar uma imagem de competência e rigor, conseguindo com isso uma boa reputação no meio académico. Por outro lado, se por alguma razão um artigo com graves deficiências passa o crivo dos *referees* e é publicado, a exposição pública que daí resulta pode ser mais nociva do que a ausência de trabalho publicado. A imagem de desleixo, pouco rigor, pouca capacidade pode também tornar-se uma imagem de marca, que pode levar muito tempo a desvanecer-se, mesmo que o trabalho subsequente seja qualitativamente muito superior. Há pois que ter a noção de que publicar algo terá certamente efeitos que se perpetuam no tempo.

O que ficou dito acima justifica em parte a síndrome da gaveta. Há sempre receio de como o nosso trabalho vai ser avaliado e, uma vez aceite para publicação, sujeito a escrutínio público, o que leva ao adiamento do processo de submissão, nomeadamente numa fase inicial e após algumas tentativas goradas. O contrário também é frequente – uma vez terminado o trabalho e, enquanto ele ainda está fresco na nossa mente, julgamos estar na posse de uma contribuição importante e o primeiro impulso é o de submeter o mais depressa possível. Porém, ser prudente também é uma virtude; a perfeição não existe e qualquer trabalho é passível de aperfeiçoamento, por isso não faz mal nenhum guardar o trabalho durante uma semana numa gaveta para depois o voltar a ler. O distanciamento proporcionado pelo intervalo temporal vai-nos permitir detectar erros ortográficos, alguma frase de mais difícil compreensão ou mesmo alguma deficiência na análise.

Uma regra económica básica aponta-nos o momento ideal para submeter o artigo: dado que a correcção de erros está sujeita a rendimentos marginais decrescentes (isto é, quanto mais se revê o artigo, mais difícil se torna aperfeiçoá-lo) e a revisão está sujeita a custos constantes ou crescentes em termos de esforço e consumo de tempo, haverá um ponto óptimo a partir do qual os referidos custos não compensam os benefícios em termos de revisão adicional do conteúdo do estudo; é esse o *timing* certo para a submissão.

17- Divulgação prévia de manuscritos

O trabalho científico é moroso, sujeito a erros e sempre passível de revisão e aperfeiçoamento. Se isto é verdade, talvez seja um bom princípio pôr o nosso texto à prova antes de o enviar para uma revista. O *feedback* de outros autores na área e, muitas vezes, mesmo de estudantes pode dar uma nova visão sobre o problema que estamos a atacar. Há sempre algo que nos pode escapar e que a sugestão de outros pode ajudar a alterar ou melhorar.

Nesse sentido, é relevante fazer circular o estudo antes da submissão. Essa circulação pode tomar várias formas: se o ambiente onde se trabalha é de colaboração e a prática de partilhar os avanços conseguidos já se revelou profícua, o trocar impressões com os colegas (através do envio do *paper* por e-mail, organizando pequenos seminários, etc.) deve ser estimulado; por outro lado, a apresentação dos artigos em conferências nacionais e internacionais é também um bom veículo para mostrar, numa primeira fase, os progressos alcançados. Estas conferências reúnem, regra geral, os maiores especialistas da área; ninguém melhor do que eles para dar alguns conselhos sobre a forma de aperfeiçoar o estudo (alguns deles podem mesmo vir a ser escolhidos como *referees* quando o artigo chegar às mãos de um editor).

Todavia, alguns cuidados são também elementares, nomeadamente no início da carreira. Publicar o artigo na internet sob a forma de *working paper* numa das múltiplas bases de dados existentes para o efeito pode ser um risco. Algum autor consagrado mas pouco escrupuloso (também os há!) pode copiar a ideia, adaptá-la e submeter um artigo em pouco tempo; se por alguma razão os dois artigos são alvo de comparação no processo de avaliação, em quem é que os editores e *referees* vão confiar: no autor consagrado ou no jovem que ainda não deu provas?

18- Ser rejeitado é duro ... mas não é o fim do mundo

Ninguém gosta de ser rejeitado – esta é uma verdade insofismável! Mas como em tudo na vida, também no meio académico temos que saber lidar com a rejeição e aprender com ela. Nada nos faz crescer e evoluir de forma mais eficaz do que uma atitude positiva face à rejeição. E no mundo da ciência ela é uma constante. Todas as revistas científicas, e em particular aquelas a que está associado um maior grau de excelência, têm taxas de rejeição significativas. Por exemplo, uma das revistas de topo a nível mundial na área da Economia, a *Review of Economic Studies*, publica cerca de 50 artigos por volume (em cada ano) e recebe anualmente mais de 700 novas submissões, ou seja, publica à volta de 1 em cada 14 artigos recebidos. Esta realidade não é muito distinta de outras publicações.

É evidente, como já mencionado, que a aceitação para publicação não é uma questão de sorte. Um bom artigo é sempre um bom artigo e a sua probabilidade de aceitação será sempre mais alta do que a de um artigo com menor qualidade. No entanto, mesmo contribuições de elevado nível, podem ser rejeitadas. Como é comum apontar, mesmo os prémios Nobel veem por vezes os seus artigos rejeitados. Aliás, se quisermos ser sarcásticos, podemos dizer que só há mesmo uma classe de autores que nunca viu um

seu artigo rejeitado: os não autores, ou seja, aqueles que efectivamente nunca submeteram artigos a revistas de primeira (ou mesmo de segunda) grandeza.

Não podemos esquecer que o processo de arbitragem científica é conduzido por outros académicos, que por momentos despem a pele de autores e vestem a pele de avaliadores ou *referees*. Um *referee* será um especialista na área e pode estar mais ou menos por dentro do assunto que decidimos estudar que nós próprios. Seja como for, há que procurar tirar o melhor partido possível dos comentários que o *referee* nos oferece; ele deu-se ao trabalho de ler o nosso artigo, encontrou um conjunto de deficiências e achou que o artigo não está em condições para ser publicado. No entanto, o processo não acaba aqui; uma vez identificadas eventuais deficiências, há que corrigi-las e pensar em qual a publicação para a qual se deve submeter a seguir. O mundo não acaba com a primeira rejeição – é necessário levantar a cabeça e seguir em frente.

19-‘ Standing on the shoulders of giants’

Em 1675, em carta dirigida a Robert Hook, cientista da altura, Issac Newton escreveu: ‘If I have seen further (than you and Descartes) it is by standing upon the shoulders of Giants.’ Esta célebre frase é uma excelente tradução do modo como se deve encarar o trabalho científico. Aquilo que podemos construir resulta invariavelmente do modo como nos debruçamos sobre os ‘ombros’ (ou, neste caso, as ideias) daqueles que nos precederam.

Conhecer o trabalho dos grandes vultos da ciência, na área específica de estudo em que se trabalha é essencial (por exemplo, por certo nenhum economista se intitulará como tal se não conhecer a obra de Adam Smith, David Ricardo, John Maynard Keynes, John Hicks, Paul Samuelson, Kenneth Arrow, Milton Friedman, Robert Lucas, entre outros). Em qualquer ciência, os grandes nomes nunca são descartáveis, apesar de já muito se ter debatido as suas ideias e estas terem sido adaptadas de acordo com ferramentas de análise mais sofisticadas.

Conhecer a obra dos ‘fundadores’ não significa que estes devam ser frequentemente citados. Efectivamente, o seu trabalho já é de tal forma conhecido, que a sua citação sistemática pode significar que o autor simplesmente não evoluiu e portanto não conhece as novas abordagens que foram sendo adoptadas em relação a temáticas que são estruturantes e intemporais. Citar autores recentes demonstra que o autor está próximo da fronteira de conhecimento e poderá acontecer, quando a área em causa é relativamente estrita, que acabe por se citar potenciais *referees*, o que é sempre uma vantagem prática (quem não gosta de ver o seu trabalho citado quando vai avaliar o trabalho de outrem?). O inconveniente é que essa citação pode ser usada de forma errada ou descontextualizada, e aí o *referee* saberá prontamente que o autor não domina o assunto.

20- Os penosos passos da submissão on-line

Mesmo para quem nada tem de info-excluído, submeter um artigo *on-line* pode ser uma tarefa pouco agradável. A generalidade das revistas científicas tem hoje a sua própria página na *internet*, onde podemos ter acesso ao conteúdo dos volumes anteriores, a informação geral sobre a publicação e a partir de onde se podem submeter os artigos. O processo de submissão segue, em regra, vários passos: é necessário indicar o tipo de artigo que se submete (trabalho de investigação, nota, *survey*, estudo de caso, etc.), fornecer título, *abstract*, palavras chave, resultados chave, nome e afiliação de todos os autores, respectivos contactos, carta de apresentação, artigo, figuras, comentários para o editor ..., ou seja, um sem número de informações que apesar de sabermos serem importantes nos levam ao dispêndio de algum tempo e energia.

Sabemos que o importante é o artigo e a sua qualidade científica intrínseca, mas, mais uma vez, não devemos esquecer que o ‘embrulho’ é importante, e aqui está em causa o mais exterior dos embrulhos, ou seja, o modo como se faz chegar o artigo aos editores; se o artigo tem qualidade, mas é submetido com o *abstract* truncado, sem toda a informação sobre os autores, num tipo de ficheiro diferente do solicitado, num ficheiro pdf em que os símbolos surgem desformatados, sem uma carta de apresentação convenientemente escrita, tudo isso pode ser penalizador e dar um ar de desleixo que desvalorizará em muito o valor intrínseco da contribuição científica.

Acima de tudo é preciso ser-se paciente; o trabalho científico não acaba no momento em que se conclui o artigo – o processo de submissão é igualmente importante. Se no passado este processo exigia tomar as medidas necessárias para que o documento chegasse em perfeitas condições ao seu destino via serviços postais, hoje, um cuidado similar é necessário no mundo *on-line*.

21- Aprender com os conselhos dos outros, tire proveito dos *referee reports*

Como já salientado, quem avalia um artigo submetido serão outros investigadores que trabalham na mesma área de conhecimento. As revistas com maior reputação terão à partida *referees* de melhor qualidade, com mais provas dadas no meio académico, mas seja como for são investigadores como nós, que efectivamente nalguns casos poderão até nem estar tão dentro do assunto do artigo como o autor; faz sentido pensar que, se de facto se desenvolveu um trabalho de investigação sério e o documento não apresenta incorrecções graves, ninguém está mais por dentro daquele assunto que o autor, que o estudou a fundo. Todavia, a opinião de terceiros, nomeadamente se conhecerem bem o terreno que estamos a pisar, é sempre uma mais-valia.

Independentemente de esses comentários levarem à rejeição liminar do artigo ou de sugerirem pequenas alterações que a serem feitas levem à sua aceitação, contêm sempre informação preciosa que pode e deve ser aproveitada. A crítica nem sempre é fácil de encaixar, mas quando relemos o relatório do *referee* não tão a quente, frequentemente damos-lhe razão em muitos aspectos. Ninguém é infalível e uma leitura por outros olhos pode levar a ver deficiências que nós acabamos por reconhecer mas que sozinhos nunca seríamos capazes de as detetar.

Acima de tudo é importante mostrar respeito pelo trabalho dos outros e adoptar a regra de bom senso de que se o editor escolheu aquele *referee* é porque reconhece nele alguma capacidade na área. Mesmo quando a leitura do relatório nos deixa convicto de que o avaliador não percebeu minimamente o argumento que queríamos fazer passar e estamos certos que isso é da responsabilidade dele e não do modo como apresentamos as nossas ideias, nada há a ganhar em hostilizar os *referees*; dado que foram seleccionados pelos editores, estes defendê-los-ão até à última instância. Contestar uma decisão de rejeição é inútil; o passo seguinte à rejeição é tentar tirar partido das críticas, reformular o artigo em consonância e submeter para outro *journal*.

22- Rever e Re-submit

Quando o editor, baseado no parecer do revisor, sugere a revisão do artigo e a sua re-submissão, o autor deve procurar responder dentro do prazo estipulado, alterar aquilo que efectivamente deve ser corrigido e defender aquilo que se julga não ser passível de alteração (porque sai fora do âmbito do *paper* ou porque por alguma razão é inexequível). A re-submissão deve ser acompanhada de uma carta de resposta ao *referee*, no sentido de este poder identificar as eventuais alterações e perceber o porquê de tais alterações (ou ausência destas). O pedido de re-submissão não é garantia de publicação, mas é regra geral uma oportunidade que não se deve desperdiçar – se não se revir o artigo dentro dos parâmetros estipulados, a publicação daquele estudo naquela revista fica comprometida. Esta é uma oportunidade de polir o *paper* e de potencialmente o tornar aceitável para publicação. Quando são solicitadas pequenas alterações (e é raro o caso de um artigo que é aceite sem que pelo menos tal aconteça), este é também um mecanismo de controlo – *se o autor não domina o assunto não vai conseguir fazer as alterações*.

Escrever um artigo é mais fácil que revê-lo, porque aqui tem de se adequar aquilo que na nossa consciência estava correcto em função daquilo que o *referee* deseja. O tempo que os relatórios demoram a chegar é muitas vezes um factor desencorajador e já estamos possivelmente sintonizados noutra onda quando tem que se fazer a revisão, o que pode tornar o processo doloroso.

A submissão do artigo revisto não deve ser nem demasiado rápida nem demasiado lenta. Qualquer das duas pode causar má impressão; por um lado, que não há muito interesse em retomar o tema e, por outro, que a tarefa é feita sem grande cuidado preferindo-se a rapidez à verdadeira reflexão sobre as dúvidas colocadas pelo *referee*. Em caso algum se deve dar a sensação de que os argumentos do avaliador são menosprezados.

Aquando da nova submissão, há um conjunto de aspectos que têm de ser considerados: as referências deverão ser actualizadas, se for caso disso dever-se-á agradecer aos *referees* e ao editor, ter cuidado se se introduz alguma secção ou se se modifica a ordem das secções para que referências a estas não apareçam, na versão final, mal posicionadas.

23- Quem espera desespera

Com a generalização dos processos de submissão *on-line* e a universalização do processo de publicação, conseguiram-se avanços significativos no que respeita à redução do tempo de espera até à primeira decisão editorial (no sentido da aceitação, revisão ou rejeição). Um breve *tour* pelos sites das principais revistas permite-nos ter uma ideia do tempo médio de resposta; este anda hoje à volta dos 3 meses ou um pouco mais (por exemplo, a *Review of Economic Studies* situa esse intervalo temporal médio em cerca de 100 dias enquanto que as revistas *Econometrica* e *American Economic Review* dão conta que cerca de 50% das respostas são dadas nesse prazo de 3 meses).

Se é verdade que os atrasos relativos à comunicação entre os intervenientes no processo foram significativamente reduzidos por via do aumento da eficiência no contacto à distância, há um aspecto que pela sua natureza leva necessariamente algum tempo, o qual é obviamente a avaliação do artigo por parte dos *referees*. Um artigo original, inovador e complexo exige um enorme esforço de compreensão por parte de quem o avalia e interessa a todos os intervenientes que essa avaliação seja o mais rigorosa possível. Recordamos que um trabalho publicado é algo que quebra uma barreira de tempo, no sentido em que fica para a posteridade à disposição de todos.

Para o próprio autor é preferível uma avaliação cuidada e rigorosa ainda que demorada que uma rejeição rápida e pouco ou mal fundamentada. Aqui, como em muitos aspectos da vida, ser paciente é uma virtude. De qualquer modo, as demoras excessivas podem também ser resultado de um esquecimento ou da pouca atenção atribuída pelos editores ou pelos *referees* ao trabalho e, por isso, faz sentido ao fim de alguns meses após a submissão inquirir o editor sobre o andamento que lhe foi dado.

24- O que é uma boa revista?

Existem hoje múltiplos *rankings* que permitem aferir a qualidade e prestígio das revistas científicas, o seu posicionamento face a outras publicações na área e qual o grau de dificuldade associado à possibilidade de publicação. Regra geral, mede-se o factor de impacto, isto é, o número médio de citações a artigos publicados na revista sob consideração. Outros critérios poderão ser também relevantes e, na prática, não existe uma seriação que seja universalmente aceite, precisamente porque os critérios de avaliação podem variar.

A utilidade destes *rankings* está associada à necessidade que os autores têm de conhecer o terreno e de perceberem qual a melhor estratégia de submissão de artigos, dado os constrangimentos que a sua actividade de investigação envolve. Todos gostaríamos de publicar nas revistas posicionadas no topo destes *rankings*, mas tal não é possível, porque nem todos terão o mesmo talento, a mesma disponibilidade e os mesmos recursos para o fazer. Conhecer os *rankings* é essencial para, por um lado, não desperdiçar contributos importantes em revistas com pouco impacto e, por outro lado, para não submeter para revistas de primeira linha contribuições que não estando na fronteira da ciência muito dificilmente poderão ser aceites em tais revistas.

Como ilustração, podemos fazer referência ao conjunto de rankings que, na área da Economia, o Núcleo de Investigação em Políticas Económicas (NIPE) da Universidade do Minho disponibiliza em conjunto com o Centro de Economia e Finanças da Universidade do Porto através do site <http://www3.eeg.uminho.pt/economia/nipe/cef.up%2Bnipe-rank/>. Aqui encontramos menção àquela que é amplamente aceite como uma das principais referências na avaliação da qualidade das revistas científicas internacionais – a base de dados ISI Web of Knowledge, bem como a vários estudos que utilizando critérios diversos permitem um escalonamento das publicações em função do respectivo impacto na comunidade académica [por exemplo, Axarloglou e Theoharakis (2003), Kalaitzidakis, Mamuneas e Stengos (2003), Vieira (2006)].

25- Regra nº1: nunca desistir, Regra nº2: nunca desistir, Regra nº3: nunca desistir

Qualquer pessoa tende a reagir a estímulos e é guiada pelas suas experiências passadas. Aquilo que foi agradável queremos ver repetido, quanto às experiências desagradáveis esperamos não voltar a passar por elas. No competitivo mundo da ciência são, normalmente, muito mais os fracassos do que os sucessos. Muitos investigadores, para verem o seu primeiro artigo publicado, tiveram, em muitos casos, de lidar com várias rejeições. Se, nesta actividade, uma grande parte dos autores desistisse à primeira contrariedade, as instituições de ensino superior e de investigação estariam desertas.

Seja no início da carreira ou numa fase mais avançada, há que desenvolver uma certa resistência às contrariedades (uma ‘pele grossa’). Um artigo menos conseguido pode levar à rejeição, o começar a investigar numa determinada área e não dominando ainda por completo as técnicas nesse ramo do conhecimento pode levar à rejeição, querer dar o salto para uma revista melhor cotada pode levar à rejeição. De uma forma mais sucinta, e utilizando um termo muito em voga nos dias de hoje, sempre que por alguma razão saímos da nossa ‘zona de conforto’ a probabilidade de rejeição num momento inicial aumenta significativamente, mesmo que essa nova aposta se revele compensadora a médio prazo.

O importante é perceber que a não-aceitação de um artigo para publicação está longe de ser uma humilhação que nos atira decisivamente para fora do meio académico. A publicação é um processo em si e aquilo que deve ser avaliado são as realizações e não as não realizações. Como já referido algures noutra dica (a número 18), recordamos, só há mesmo dois tipos de autores que não enfrentam o insucesso num momento ou noutro – os que já desistiram ou os que nunca tentaram!

As boas práticas de desenvolvimento e submissão de trabalho científico não se esgotam, como é óbvio, neste pequeno conjunto de dicas. Além disso, muitos dos aspectos acima mencionados terão certamente de ser adaptados à realidade em concreto que os investigadores em diferentes áreas de conhecimento, instituições e meios socioculturais enfrentam. O desejo é que, no mínimo, as sugestões sistematizadas constituam um despertar para o modo como a produção de ciência deve ser encarada, uma vez que esta é, sempre foi e sempre será uma das missões centrais do professor do ensino superior, bem como uma das mais nobres contribuições que este pode dar para o progresso social e civilizacional.

REFERÊNCIAS

Axarloglou, K. e V. Theoharakis (2003). 'Diversity in Economics: An Analysis of Journal Quality Perceptions.' *Journal of the European Economic Association*, vol. 1, pp. 1402-1423.

Baranano, A.M. (2004). *Métodos e técnicas de investigação em Gestão: Manuel de apoio à realização de trabalhos de investigação*, Lisboa: Edições Sílabo.

Bell, J. (1997). *Como realizar um Projecto de Investigação: um guia para a pesquisa em Ciências Sociais e da Educação*, Lisboa: Gradiva.

Choi, E.K. (2002). *How to Publish in Top Journals*, Department of Economics, Iowa State University.

Ferro, M.J. e S.D. António (2011). *Manual para a Elaboração de Dissertações*, Lisboa: ISCAL (documento de trabalho).

Fudenberg, D. e J. Tirole (1984). 'The Fat-Cat Effect, the Puppy-Dog Ploy, and the Lean and Hungry Look', *American Economic Review*, vol. 74, pp. 361-366.

Kalaitzidakis, P.; T.P. Mamuneas e T. Stengos (2003). 'Rankings of Academic Journals and Institutions in Economics.' *Journal of the European Economic Association*, vol. 1, pp. 1346-1366.

Nash, J.F. (1950). 'Equilibrium Points in N-Person Games' *Proceedings of the National Academy of Sciences*, vol. 36, pp. 48-49.

Vieira, P.C. (2006). 'A new economic journals' ranking that takes into account the number of pages and co-authors.' *FEP working paper* nº 189.



Orlando Gomes é professor de Economia no Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Lisboa (ISCAL/IPL) e investigador na Unidade de Investigação em Desenvolvimento Empresarial (UNIDE/ISCTE). Licenciou-se em Economia pelo Instituto Superior de Economia e Gestão (ISEG/UTL), em 1994, instituição onde também obteve o grau de mestre em Economia Monetária e Financeira, em 1996, e realizou provas de agregação, em 2010. O autor é ainda Doutor em Economia pelo Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE/IUL), título académico que lhe foi atribuído em 2002. Os seus interesses de investigação cobrem áreas diversas, nomeadamente aquelas que de modo mais ou menos direto estão ligadas à macroeconomia: crescimento económico, política monetária e orçamental, ciclos económicos, comércio internacional, entre outras. Os resultados da investigação realizada têm sido publicados em revistas científicas internacionais com impacto neste campo de conhecimento.